

# Adorno e o despontar da *Dialética Negativa*

Eberson Fontana\*

**Resumo:** A *Dialética Negativa* é uma inversão frente aos paradigmas tradicionais da dialética. A formulação de Adorno denota a impossibilidade de operar uma síntese positiva entre razão instrumental e razão emancipatória. Por isso, a dialética negativa conduz ao resgate de um tensionamento, responsável por assegurar o pensamento do novo a partir de uma concepção materialista ancorada no *além-do-conceito*. Trata-se de uma nova maneira de apreender a racionalidade humana, em perspectiva desafiadora, com a finalidade de abarcar a estrutura medular responsável pela carência de uma racionalidade crítica.

**Palavras-chave:** Dialética Negativa. Adorno. Epistemologia. Emancipação.

Theodor Adorno (1903-1969) é um dos mais conhecidos filósofos da *Escola de Frankfurt*. Nasceu na Alemanha e viveu em um período conturbado da história, marcado pela ascensão de regimes totalitários, revoluções e pelas duas grandes guerras mundiais. Como filósofo, soci-

---

\* Bacharel em Filosofia (IFIBE, 2008). O artigo resulta do Trabalho Monográfico de Conclusão do Curso de Bacharelado em Filosofia, defendido no IFIBE sob a orientação da professora Me. Nilva Rosin em 2008

ólogo, musicólogo e crítico do século passado ganhou reconhecimento pelas suas obras. Logo aos 19 anos conheceu Max Horkheimer, de quem esteve constantemente ao lado, inclusive por um período em que ambos se refugiaram nos Estados Unidos, diante da ameaça do nazismo na Alemanha. Entre suas principais obras destacam-se: *Dialética do esclarecimento* (1947, com Max Horkheimer); *Mínima Moralia* (1951); *Dialética Negativa* (1966) e *Teoria Estética* (1970).

A ousadia e a profundidade dos escritos de Adorno fazem com que o estudo de seu pensamento seja desafiador. Escrever sobre ele se torna uma tarefa ainda mais árdua, considerando a diversidade de temas suscitados por sua reflexão, de modo que este estudo fica restrito a sua singular formulação dialética.

A concepção de dialética predominante na tradição filosófica, principalmente no idealismo,<sup>1</sup> baseia-se, segundo Adorno, na edificação de sistemas fechados e que, por conseguinte, encontram-se impossibilitados de pensar o novo, de compreender mais nitidamente a realidade que cerca o ser humano. Dessa maneira, o pensar que deve sempre captar e promover a mudança qualitativa fica comprometido. O desafio frente ao irracionalismo faz com que seja necessário superar o fechamento do pensamento filosófico. A teoria crítica assinala a necessidade de uma revisão no pensamento dialético, apresentando uma dialética aberta, que se nega a construir falsas sínteses. Ela busca, na tensão, a mola propulsora da reflexividade e o sentido último da filosofia.

O não-idêntico, a impossibilidade do conceito penetrar completamente a coisa, é a noção que move este novo tipo de dialética. Segundo Adorno, “A dialética é a consciência consequente da não-identidade [...] A contradição é o não-idêntico sob o aspecto da identidade; o primado do princípio de contradição na dialética ignora o heterogêneo do pensamento unitário” (apud WIGGERSHAUS, 2002, p. 635). Mais, “A dialética começa dizendo somente que os objetos são mais que seu conceito” (apud PERIUS, 2008, p. 104). O pensamento não é mais a representação fiel do objeto, mas pressupõe aquilo que não pode ser conceitualizado. A incessante luta de negação do conceito através dos próprios concei-

---

<sup>1</sup> Kant trouxe uma novidade à filosofia ao argumentar que “[...] das coisas só conhecemos a priori o que nós mesmos colocamos nelas” (KANT apud PERIUS, 2008, p. 40). Para Adorno isso é incoerente, pois afasta cada vez mais o sujeito da verdade presente na relação com o objeto, concebendo a verdade de maneira unilateral.

tos confere ao pensamento adorniano um grande potencial crítico, pois, “Somente a filosofia pode e deve empreender o esforço de superar o conceito por meio do conceito” (ADORNO apud PERIUS, 2008, p. 21). Com isso, a filosofia adorniana é uma alternativa para driblar a acomodação do conceito, promovendo sua incessante renovação.

A partir da problematização em aso ao predomínio da dos elementos cruciais à compreensão das teses que permeiam a dialética adorniana, explicitaremos essas noções com o intuito de perceber a riqueza encontrada nas vicissitudes da teoria em questão. Ressalta-se que se trata de um pensamento que converge para a construção de uma racionalidade crítica e transformadora; para a superação da predominância da racionalidade instrumental.

## 1. A crítica à filosofia da identidade

O fracasso do idealismo quanto ao objetivo de libertar a racionalidade humana e de tornar o homem livre levou Adorno a perceber a necessidade de repensar a estrutura da filosofia, delineando uma base sólida para que a racionalidade não se dissipe de uma vez por todas. Ele quer proteger a razão de tudo o que a ameaça ou se apropria dela para fins que não sejam para promover sua reflexividade. Afinal, diante do predomínio do irracionalismo em uma sociedade que perdeu o rumo a ser seguido, a filosofia ainda é possível? O início da *Dialética Negativa*<sup>2</sup> já expõe esta questão paradoxal na compreensão do contexto filosófico contemporâneo:

A filosofia, que outrora parecia superada, segue viva porque se deixou passar o momento de sua realização. O juízo sumário de que não se fez mais que interpretar o mundo e mutilar-se a si mesma de pura resignação ante a realidade se converte em derrotismo da razão, depois que fracassou a transformação do mundo [...]. Desde que a filosofia faltou à sua promessa de ser idêntica à realidade ou estar imediatamente em vésperas de sua produção, se encontra obrigada a criticar-se sem hesitações (DN, p. 11).

<sup>2</sup> Doravante usaremos a abreviatura DN para nos referirmos à *Dialética Negativa* (Madrid: Taurus, 1986. Tradução nossa).

Apesar de todos os esforços conceituais de transformar o mundo não viabilizaram a sua transformação. Entretanto, Adorno não é pessimista ao ponto de admitir a derrota da filosofia frente à racionalidade instrumental. Ele busca novos estatutos para o pensar, reformulando por completo os conceitos tradicionais com os quais a filosofia havia edificado seu pensamento depois de Kant. Aliás, a filosofia da identidade é um dos grandes alvos da crítica do pensador da dialética negativa.

O projeto adorniano já havia sido delimitado em *Atualidade da Filosofia*<sup>3</sup> e, desde seu princípio, demonstrava a necessidade de repensar a relação entre os conceitos e a realidade. A filosofia da identidade carrega o pressuposto de que os conceitos representam fielmente aquilo aos quais se referem. Se tomarmos também este pressuposto, podemos concluir que tudo o que é representado de maneira conceitual ocorrerá da mesma maneira no mundo empírico. Adorno contrapõe-se incisivamente a este modo de pensar. Para ele, “Só uma consciência satisfeita de sua coisificação pode fazer propaganda de que possui fotografias da realidade” (apud PUCCI et al, 1999, p. 75). Por este motivo ele também ressalta:

Identidade é a forma originária de ideologia. Seu sabor consiste em sua adequação a realidade que oprime. Adequação foi sempre submissão aos objetivos da dominação, e neste sentido sua própria contradição [...] A identidade se converte em instância de uma doutrina da acomodação [...] (DN, p. 151).

A partir do momento em que a dialética é desprovida da falsa ideologia que representa a filosofia da identidade, naturalmente é questionada toda a tradição filosófica que nela se baseia. A filosofia da identidade foi o grande empecilho para uma filosofia mais reflexiva, segundo Adorno. Somente por meio dela foi possível a expansão de grandes sistemas dominadores, como é o caso da razão instrumental, disseminada por meio da indústria cultural. Para Adorno, por não ter compreendido a falsidade do pensamento identitário, a filosofia até visou a emancipação,

---

<sup>3</sup> “Quem escolher hoje por ofício o trabalho filosófico, deve renunciar desde o começo à ilusão com a qual partiram os projetos filosóficos anteriores: a de que seria possível compreender a totalidade do real através da força do pensamento. Nenhuma razão legitimadora poderia reencontrar-se em uma realidade cuja ordem e configuração derrota qualquer pretensão à razão” (ADORNO, 1991, p. 325).

mas caiu na armadilha do *statu quo*.<sup>4</sup> Na verdade, “A utopia do conhecimento seria penetrar com conceitos no que não é conceitual” (DN, p. 18).

Aparentemente, Adorno coloca em xeque a própria possibilidade de qualquer conhecimento<sup>5</sup>, pois a identidade entre o pensamento e objeto é quebrada, impossibilitando que se reflita a partir da coisa. Entretanto, observa-se uma mudança qualitativa na maneira como o processo do pensamento é concebido. Adorno ressalta, “A crítica não faz desaparecer a identidade, mas a move qualitativamente [...] conserva elementos da afinidade do objeto com seu pensamento” (DN, p. 152). Assim, não se pode mais pensar com exatidão que pensamento e objeto estão equiparados qualitativamente, mesmo que sua relação ainda possa ser percebida, pois a racionalidade não ignora seu objeto.

Esta modificação gnoseológica tem consequências diversas, já que “[...] o conteúdo não é explicável pela ordem de um esquema hierárquico que lhe é aplicado de fora” (DN, p. 144). A filosofia idealista está ameaçada, pois pode ser considerada como uma simples articulação fechada de conceitos, que não leva em conta o conteúdo presente exclusivamente na própria coisa, o não-idêntico. Ela ignora que nem tudo o que é o objeto pode ser arrancado pelo conceito. Logo, mesmo aparentando conter um enorme potencial de reflexão por conta do desdobramento conceitual, pensamentos como o de Hegel, por exemplo, não passariam de mera tautologia, por rejeitar o novo.

O conceito precisa ser desmitologizado. Esta é a única maneira de irmos mais longe do dado, pois “[...] o não-idêntico seria a identidade

---

<sup>4</sup> “Adorno constrói a expressão ‘Dialética negativa’ e a propõe como método para se pensar e agir sobre a consciência reificada contemporânea, reflexo onipresente da realidade social continuamente reproduzida pelo capitalismo tardio. Entender a negatividade como o momento propulsor da dialética, como o motor intrínseco da história, era o que Hegel nos fazia ver desde seus primeiros escritos sobre a matéria. Mas fazer da negatividade o qualitativo determinante da dialética não era frear o dinamismo do processo metodológico [...] Adorno discute esse tema no prólogo de seu livro homônimo: [...] ‘A intenção deste livro é liberar a dialética de sua natureza afirmativa, sem perder minimamente a precisão. Desentranhar (desdobrar/divulgar) seu paradoxal título é uma de suas intenções’” (PUCCI, 1999, p. 76).

<sup>5</sup> O conhecimento não deve ser interpretado por um viés pragmático, pois, a pretensão do conhecimento “[...] não consiste no mero perceber, classificar e calcular, mas precisamente na negação determinante de cada dado imediato” (DN, p. 39). Conhecer é muito mais que juntar dados. Antes disso, consiste na capacidade de promover a crítica contínua ao que é simplesmente dado, ao pensamento estático.

própria da coisa contra suas identificações” (ADORNO apud DUARTE, 1993, p. 67). Logo, para Adorno, com o idealismo se consolidou um pensamento que se nega a cumprir o requisito da incessante renovação a partir da própria coisa e que acaba por servir como arquétipo para a autoconservação, predicado direto da racionalidade instrumental. Para Adorno:

Onde o pensamento filosófico, mesmo em textos importantes, não atinge o ideal de incessante renovação a partir da coisa, sucumbe. Pensar filosoficamente é, assim, como que pensar intermitências, ser perturbado por aquilo que o pensamento não é (apud FARINA, 2006, não paginado).

Adorno vai ainda mais longe em sua crítica à identidade. Para ele, “A filosofia da identidade é mitologia em forma de pensamento” (DN, p. 204). Esse caráter mitológico surge a partir do momento em que o idealismo ignora o não-idêntico, chegando ao ponto de afirmar que o pensamento é plenamente livre, que não precisa de mais nada que ele próprio para representar a realidade. Por detrás desta falsa representação de liberdade é que se esconde a irracionalidade difundida predominante a partir da modernidade. Segundo o pensamento adorniano, “[...] sua única intenção é aqui esconder a consciência de que os pensamentos não têm nada de livre [...] se pode e deve demonstrar que a pura forma do pensamento, o rigor lógico, é antiliberdade, algema para o pensado e o pensante” (DN, p. 232). Por este motivo o idealismo é reacionário, podendo ser considerado um inimigo do pensamento crítico pelo fato de ignorar a existência do não-idêntico.

A filosofia baseada em sistemas cai por terra frente ao sentido positivo assumido pelo não-idêntico. Na opinião de Wiggershaus “[...] diante das diferentes epistemologias, a concepção de uma dialética não fazia outra coisa senão manter viva a necessidade de uma experiência sem ponto fixo, e indicava-lhe a direção por um conceito negativo, o ‘não-idêntico’ [...]” (2002, p. 642). O momento negativo pode ser observado pela rejeição a uma filosofia baseada exclusivamente no desdobramento conceitual, pois os conceitos perdem seu poder de representação absoluta da realidade. Adorno leva a questionar: ainda é possível construir um pensamento filosófico que vise a liberdade? Neste sentido, a existência do não-idêntico proporciona e exige a renovação incessante do pensamento, lançando as bases para que o pensar filosófico ainda tenha um sentido diante do alerta iminente de seu esgotamento.

## 2. Uma nova dialética materialista

A crítica à tradição filosófica tem profundas influências inclusive na relação sujeito-objeto.<sup>6</sup> Adorno leva à chamada segunda reviravolta copernicana no conhecimento, já que a forma como esta relação é concebida sugere a primazia do objeto ante o sujeito. Nas palavras de Grenz, “Adorno é o acontecimento filosófico mais importante desde Kant”<sup>7</sup> (apud MAAR, 1998, s/p). Para Adorno “O propósito do pensamento crítico não é colocar o objeto no trono real vago antes ocupado pelo sujeito. Nesse trono, o objeto não seria nada além de um ídolo. O propósito do pensamento crítico é abolir a hierarquia” (apud JAY, 1988, p. 61). A construção crítica cobra um primado a ser ajuizadamente elaborado. Isto não significa que a verdade simplesmente se encontra no objeto, mas que, a partir daquilo que o sujeito identifica no objeto, abrem-se novos caminhos para o pensamento, sem se acomodar ante algo meramente dado.

Adorno pretende fazer a superação não regressiva do tradicional dualismo entre sujeito e objeto de forma a impedir o predomínio do pensamento totalitário. Este por sua vez, leva em conta quase que exclusivamente aquilo que já está presente no sujeito. É, antes de qualquer outra coisa, projeção do sujeito no objeto e não a tentativa de compreender o significado do objeto. Para Jay “O ‘erro’ particular da epistemologia contemporânea, ao qual Adorno se dedica [...] é a separação radical entre sujeito e objeto” (1988, p. 57). Esta separação impede um contato direto e orgânico entre sujeito e objeto, pois o sujeito enche-se de si mesmo ao invés de encher-se do diferente, de perceber o não-idêntico presente no objeto e, por isso, voltar-se de uma forma mais atenta e reflexiva para ele. Adorno afirma: “Uma vez radicalmente separado do objeto, o sujeito já reduz este a si; o sujeito devora o objeto ao esquecer o quanto ele mesmo é objeto” (1995b, p. 183).

<sup>6</sup> Habermas é um dos principais críticos de Adorno. Este afirma que a manutenção da relação sujeito-objeto não consegue superar o paradigma em voga. Por isso a teoria habermasiana abandona esta relação, substituindo-a por outro paradigma: a relação comunicativa (ROUANET, 1987, p. 13).

<sup>7</sup> Kant trouxe uma novidade à filosofia ao argumentar que “[...] das coisas só conhecemos a priori o que nós mesmos colocamos nelas” (KANT apud PERIUS, 2008, p. 40). Para Adorno isso é incoerente, pois afasta cada vez mais o sujeito da verdade presente na relação com o objeto, concebendo a verdade de maneira unilateral.

Aos olhos de Adorno (DN, p. 142-143), Kant se equivoca ao separar sujeito e objeto de forma praticamente incomunicável. O domínio do sujeito se converte em domínio sobre ele próprio. Assim: “Nem o sujeito não é nunca totalmente sujeito, nem o objeto totalmente objeto [...] a separação que converte o objeto em algo estranho, dominante, para apropriar-se dele subjetivamente, é o resultado de uma ordenação instrumental” (DN, p. 177-178).

Ressaltar a primazia do objeto ao sujeito leva a perceber que este, por não poder ser captado inteiramente através de conceitos, sugere a auto-reflexão, necessária para a afirmação do sujeito como ser racional. Esta postura acarreta o abandono da imediatidade, em detrimento da autoconservação. Neste processo, o objeto não se porta como o mensageiro da verdade, mas é responsável por fazer com que o sujeito, ao perceber que não pode captar toda a verdade<sup>8</sup> de uma só vez, coloque-se em um processo contínuo de reflexão, superando qualquer resquício de estaticidade. Adorno afirma: “O objeto só pode ser pensado por meio do sujeito; porém se mantém sempre frente a este como um outro” (DN, p. 185). Assim, facilita-se a tomada de consciência de que há diferenças entre sujeito e objeto, mas eles não podem se separar de maneira absoluta. O sujeito, fazendo uso do conceito, coloca-se em busca daquilo que não pode ser apreendido conceitualmente, mas que desperta a reflexividade, fazendo com que o discurso esteja cada vez mais próximo da verdade do objeto. Logo, a primazia do objeto assegura a possibilidade de o pensamento refletir sobre si mesmo, necessidade clássica do conhecimento.<sup>9</sup>

<sup>8</sup> Um dos problemas centrais enfrentados por Adorno concerne ao fato de que “[...] a filosofia deve tornar-se consciente de que a vida do objeto, mesmo depois de apreendido conceitualmente, continua. Ou seja, o conceito permite pensar o objeto, porém, não esgota suas qualidades e não o substitui” (PERIUS, 2008, p. 125).

<sup>9</sup> “Afirmar a prioridade do objeto não significa, simplesmente, defender o materialismo contra o idealismo. Antes disso, é condição para a persistência do pensamento crítico. O que se coloca em questão na filosofia de Adorno é a premissa fundamental que sustenta os sistemas idealistas da filosofia, qual seja, a autonomia do sujeito e, com isso, a auto-suficiência do conceito, apontando para o que o constitui. Porém, não se trata de uma simples inversão de fatores. A prioridade do objeto não elimina a função do sujeito. Exige, por isso, não menos, mas sim mais sujeito. No entanto, esse sujeito tem outro sentido na filosofia de Adorno. Não se torna um puro transcendental reduzido às categorias lógicas, mas é função do sujeito vivo. Dessa forma, se modifica também a noção de objeto, que não é algo imediato, mas é nele que se manifesta a tensão entre o conceito (sua identidade) e o que o conceito não consegue apreender (não-idêntico, o além-do-conceito)” (PERIUS, 2008, p. 113).



A mudança qualitativa operada pela dialética negativa leva ao deslocamento da concepção de verdade: se antes ela se encontrava em um ponto fixo de um sistema fechado, fator que favorecia a racionalidade unilateral; agora está em constante movimento. A verdade está na reflexão, mas não existe uma instância em que esta possa ser determinada de maneira absoluta. Adorno se volta contra uma racionalidade dominadora e propõe novos parâmetros de relação entre sujeito e objeto. Deste modo, a dialética materialista torna-se a expressão da liberdade a partir da auto-reflexão da razão.

Vendo a questão por outro prisma é possível perceber que a primazia do objeto faz com que o sujeito também seja visto em certo sentido como objeto. Para Adorno, “Primado do objeto significa, antes, que o sujeito, por sua parte, num sentido qualitativamente outro, mais radical, seria mais objeto que o objeto; porque ele não pode ser sabido de outro modo, a não ser por meio da consciência, também é sujeito” (apud DUARTE, 1993, p. 171). Duarte explica que, “O caráter de objeto do sujeito caracteriza-se pelo fato de o sujeito cognoscente ter de, antes, ser algo, para depois conhecer [...]” (1993, p. 171). A relação sujeito-objeto recebe um impulso enriquecedor para a autoconsciência. Isso ocorre porque o sujeito tem necessariamente que tomar consciência de si, reconhecer-se também como um objeto para, depois disso, entrar em contato com os demais objetos e poder alavancar o processo do conhecimento.<sup>10</sup>

Portanto, pensar a relação sujeito-objeto a partir do objeto não significa, de modo algum, abrir mão da importância do sujeito. Consiste em conceber esta relação sem a ilusão de um sujeito capaz de dominar completamente o objeto. Não existe um sujeito que penetra no objeto guiado pelo ímpeto de roubar-lhe a verdade, mas um sujeito consciente de suas limitações, percebendo que, antes de tudo, também é objeto.

---

<sup>10</sup> “É verdade que o objeto só pode ser pensado por meio do sujeito, mas o sujeito é impensável até como ideia, sem o objeto; o sujeito, por sua própria natureza, é antes de tudo um objeto [...] Adorno vai buscar na origem etimológica do termo sujeito a negação de sua suposta superioridade: ‘Não é casual que ‘sub-jectum’, o que está no fundo, recorde o que a linguagem específica chamou objetivo’. Para ele, a objeção de que sem sujeito cognoscente não se teria conhecimento do objeto é insuficiente para comprovar a prioridade ontológica do sujeito [...] A mediação do objeto significa que só em sua compenetração com a subjetividade é possível o conhecimento; a mediação do sujeito significa que, sem a componente objetiva, não haveria nada” (PUCCI, 1999, p. 91).

### 3. A dialética negativa

A novidade do materialismo adorniano que rapidamente apresentamos nos remete a ir mais a fundo, investigando as consequências do segundo giro copernicano para a dialética. Diante de tamanha transformação no status da filosofia, está em jogo indagar sobre a viabilidade da dialética: como fica o pensamento filosófico? De que maneira desarraigar a dominação?

A concepção de dialética sugerida por Adorno tem como principal objetivo a manutenção da tensão entre os diversos momentos, eliminando a ideia de um método que converge para a unidade através de sínteses entre proposições antitéticas. É um pensamento que chega ao negativo e aí permanece (ADORNO, 1992, p. 9). Significa que nada está pronto na filosofia; ela tem que repensar continuamente, inclusive os seus fundamentos, afastando-se da arbitrariedade.

Adorno encontra na negatividade o elemento norteador da dialética. Oxalá fosse possível convergir para uma síntese positiva de toda a realidade! Esta pretensão mostra-se inviável, pois, à medida em que a positividade toma conta do sistema, vê-se erradicado o elemento reflexivo da filosofia. Para Adorno, o sentido positivo da filosofia está na própria negatividade constante. Auschwitz é a prova de que a dialética que culmina numa síntese totalizante origina a ofuscação da razão. O pensamento de Adorno desperta a filosofia para o pensar sem cessar, descartando a possibilidade de a dialética culminar em um momento estático.<sup>11</sup>

Uma síntese capaz de harmonizar todos os demais momentos é inviável. Na concepção de Adorno, a riqueza da filosofia está num método

---

<sup>11</sup> Quanto à impossibilidade de uma síntese totalizante, Pucci assinala que: “[...] Adorno, ao justapor conceitos antitéticos, ao apresentar a irreconciliabilidade entre conceitos e realidade, dotou seu pensamento de uma estrutura dinâmica e proporcionou a força para a reflexão crítica. Hegel via na negatividade o movimento do conceito para o outro como um momento dentro do processo maior da dialética, em direção à síntese, à consumação sistêmica, Adorno não via possibilidade alguma de que a argumentação se detivesse na síntese inequívoca. Fez da negatividade o sinal distintivo de seu pensamento precisamente porque acreditava que Hegel havia se equivocado no fazer coincidir razão e realidade. Como em Kant, as antinomias adornianas permanecem antinômicas, mais por causa dos limites da realidade que pelos limites da razão [...] nas inconsistências de sua teoria que se testemunha uma realidade cujas contradições reais não podiam ser resolvidas apenas no âmbito do pensamento” (1999, p. 81).

que prima pelo momento antitético, pois “A essência da dialética negativa pertence que não se tranquilize em si mesma como se fosse total; tal é sua forma de esperança” (DN, p. 404). Adorno não almeja um momento totalizante, definitivamente!. Para Jay (1988, p. 17), Adorno foi hostil ao momento de conciliação triunfante que concluía tradicionalmente o processo dialético. Sua dialética não se fecha em uma síntese suprema, mas avança pelos extremos. A negação determinante do dado é visada em primeiro lugar. Em caso contrário haveria o risco de um pensamento avesso ao seu próprio conceito; uma razão que não prima pela práxis, mas somente pelo desempenho proveniente de uma articulação conceitual sem qualquer compromisso com o ser humano.

A avaliação do processo de investigação leva a perceber a necessidade da constante tensão entre o âmbito instrumental e reflexivo da razão. No momento atual da nossa civilização, a possibilidade de emancipação, da construção de um pensar crítico, está praticamente anulada devido à racionalidade técnica. Deste modo, a proposta de Adorno não consiste em eliminar a técnica, pois é útil para o ser humano. O que não pode ocorrer é ela dominar as relações humanas. Ao contrário, quando estiver a serviço do sujeito crítico, pode conferir-lhe maior potencial de ação. Adorno visa resgatar o aspecto emancipatório apostando na tensão constante entre a reflexividade e a razão instrumental.

Adorno propõe o resgate crítico do conceito de racionalidade. Não se trata de eliminar o momento irracional de maneira arbitrária, mas de tomar consciência de sua existência para que a racionalidade possa atuar entre o que pode aniquilá-la. Como Adorno bem explica na obra *Educação e Emancipação* (1995a, p. 20), seu ideal consiste em encontrar uma racionalidade capaz de criticar seu próprio déficit, advertindo-se contra si mesma em nome de si mesma. Logo, a dialética de Adorno carrega consigo o potencial de ser crítica ante o domínio da irracionalidade em que consiste a razão instrumental. Ela resgata a tensão e, a partir daí, possibilita o pensamento de saídas para um contexto em que reina o pessimismo.<sup>12</sup> Rouanet (1987, p. 333) ressalta que, para Adorno não existe o conflito entre uma boa razão e uma razão perversa, pois, desde o início, ambas foram a mesma. Separar uma da outra com o intuito de descartar

<sup>12</sup> Se o pensamento de Adorno e Horkheimer em a *Dialética do Esclarecimento* foi tachado como pessimista, não é possível dizer a mesma coisa da concepção de dialética na *Dialética Negativa*. A primeira obra apresentou o diagnóstico de uma sociedade dominada pela racionalidade instrumental; a segunda ensaia pensar saídas, que não são fórmulas prontas, mas possibilitam a instauração do pensamento crítico.

a que não serve não é suficiente, já que é preciso também perceber o seu reverso, escapando do repressivo e abrindo à criticidade. De todo modo, a reflexão é o melhor caminho para manter a tensão e impedir que o aspecto repressivo da racionalidade seja predominante nas relações humanas.

A árdua tarefa de desmitologizar os fenômenos contemporâneos é assumida por Adorno com grande propriedade. Ele confere movimento às relações que se encontravam estáticas e nisso tem grande mérito a tensão ressaltada pela sua dialética. Assim, segundo Wiggershaus, a dialética consiste, para Adorno, em “[...] insinuar-se na força do adversário e transformar seu ponto de vista em movimento próprio, reforçando a diferença embotada entre o diferente e o seu contrário [...] dever-se-ia ‘forçar aquelas relações petrificadas a dançar, cantando-lhes sua própria melodia’” (2002, p. 217).

Esta dialética leva a outra crítica à filosofia hegeliana que insistiu em equivaler negação da negação com positividade. Para o frankfurtiano,

A equiparação da negação da negação com a positividade é o fundamental da identificação, o princípio formal reduzido a sua mais pura forma. Com ele triunfa no mais íntimo da dialética o princípio antidialético, a mesma lógica [...] copiada da mesma matemática a que Hegel foi por demais tão alérgico [...] O único ponto positivo desta negação seria a negação determinada, a crítica [...] (DN, p. 161).

Adorno rebela-se diante de qualquer tentativa da dialética firmar a pretensão de totalidade através de um pensamento baseado no momento positivo, nas sínteses. Analisando o pensamento adorniano nota-se que “[...] sua negação permanece negativa [...] aplainar por meio da identidade a contradição [...] significa ignorar o que ela diz, retroagir ao puro pensamento dedutivo” (PUCCI et al, 1999, p. 81-82). A constante negatividade de seu pensamento assegura à filosofia a oportunidade de se renovar, de compreender determinada realidade de diversas formas, sem que haja a necessidade de estabelecer verdades imutáveis.

Tendo em vista a impossibilidade dos conceitos vistos isoladamente em representar com fidelidade a realidade em virtude do não-idêntico, que permanece apenas na coisa, Adorno passou a trabalhar com a ideia de constelação. Segundo ele: “Só as constelações representam, desde fora,

o que o conceito separou no interior, o plus que quer ser por mais que não possa” (DN, p. 165). A linguagem é um bom exemplo de constelação, pois é capaz de reunir um grupo de conceitos ao redor da coisa com a finalidade de explicá-la. De forma direta, “O conhecimento do objeto em sua constelação é o conhecimento do processo que nele se acumulou” (ADORNO apud PERIUS, 2008, p. 111). Assim, sob a forma de constelação o pensamento tem a possibilidade de avançar e de ser mais do que se operasse apenas com conceitos disjuntos, mas por composição.

As constelações representam o pensamento filosófico que não é isolado, mas que se serve de um aparato conceitual com a finalidade de chegar mais próximo do objeto, do outro. Como a filosofia tradicional não se interessou pelas constelações, perdeu muito. Os pensadores geralmente refletiram acerca do mundo baseados em princípios teleológicos e, por isso, tiveram dificuldade de perceber que o mundo é contínuo movimento e não apenas desdobramento objetivo do conceito (PERIUS, 2008, p. 120). Adorno quer que a filosofia ganhe uma nova possibilidade de atuação, que desperte para o importante papel de refletir sobre a realidade sem se contentar com o dado.

A dialética de Adorno desperta para o fato de que o pensamento precisa pensar constantemente sobre seu próprio sentido. A filosofia tem que tomar partido, mas isso jamais deve ser feito de forma arbitrária, pois o filósofo tem responsabilidade com o mundo que o cerca. Por este motivo, ao definir o sentido da dialética, Adorno se expressa nos seguintes termos:

O pensamento não necessita ater-se exclusivamente a sua própria legalidade, senão que possa pensar contra si mesmo sem renunciar a própria identidade. Se for possível uma definição de dialética, poderia ser esta. O quadro de atribuições do pensamento não tem porque ser indismontável; o pensamento tem suficiente alcance como para calar todavia a ofuscação de todas as suas pretensões lógicas [...] A dialética, enquanto procedimento filosófico, é o intento de desembrulhar o vínculo do paradoxo com o meio mais velho da ilustração: a astúcia (DN, p. 144-145).

A filosofia adorniana coloca-se ao lado do particular. Adorno vê na filosofia hegeliana a tentativa em excluir o diferente ao tomar o partido do universal, do todo. Adorno diz que,

[...] o estado de coisas se revela no esforço de Hegel por absorver a diferença na filosofia da identidade até o extremo em determinar a identidade pela diferença. Porém Hegel deforma a situação quando afirma o idêntico e permite o diferente como negativo – certamente necessário –, sem perceber a negatividade do universal. Falta-lhe simpatia para com a utopia do particular (DN, p. 316).

A suposta consciência do particular exposta na filosofia hegeliana é tida como falsa por Adorno. Para o filósofo frankfurtiano (DN, p. 328), a exposição hegeliana não passa de um pensar vazio e unilateral. Isso ocorre porque ela não tem consciência do particular, do não-conceitual, e, por este motivo, fecha-se ao novo, ignorando a existência de qualquer diferença. Assim, para o frankfurtiano, Hegel colabora para um pensar no qual prevalece o sempre-igual. Para Adorno, o particular deve ser priorizado, pois a racionalidade se estrutura a partir dele. Diz: “As ideias vivem nos interstícios, entre o que as coisas pretendem ser e o que são. A utopia seria uma convivência do distinto por cima da identidade e da contradição” (DN, p. 152). Assim, toda filosofia que prima pelo universal nega-se à reflexão contínua, nega-se a captar as vicissitudes da realidade e a postular um pensamento crítico e inovador. Como reforça Duarte (1993, p. 109), toda filosofia que não se preocupa em valorizar e compreender o particular leva à desumanização.

## Considerações finais

Max Horkheimer, em *Eclipse da Razão*, formula um conceito de filosofia que se aproxima em muito do pensamento adorniano. Ele se contrapõe aos sistemas filosóficos que dizem ter uma receita pronta. Assevera que: “A filosofia deve se tornar mais sensível [...] Não existe fórmula” (2003, p. 166-167). Por isso, não é possível sequer cogitar a formulação de um sistema atemporal que possa suprir as necessidades do ser humano. O pensamento precisa de constante renovação porque ele não pode captar de uma só vez a verdade. No dizer de Horkheimer: “Cada conceito deve ser visto como fragmento de uma verdade total em que se encontra o seu significado. É precisamente a construção da verdade a partir desses fragmentos que é a principal preocupação da filosofia” (2003, p. 168). Em suma, enquanto a filosofia se nega a assumir seu

papel com a concretude do objeto, da particularidade na qual ele se encontra, ela não passará de especulação, sem qualquer possibilidade de instaurar uma instância de pensamento crítico. Quando a filosofia não toma consciência de sua posição ela engana, pois o sujeito é impedido de portar-se criticamente diante da realidade em que se encontra.

A novidade no conceito crítico de racionalidade converge para uma racionalidade crescente que não se esgota diante do contato com a própria coisa, com o objeto, mas que cresce diante dele na medida em que se percebe como potencial autocrítico. Assim, “Adorno, em vez de trabalhar em uma interpretação de mundo de maior fôlego no nível da teoria da sociedade, preferia esboçar os contornos da ideia do acesso ao que escapasse ao domínio da totalidade não verdadeira” (WIGGERSHAUS, 2002, p. 634). Já na *Dialética do Esclarecimento* há alusão a uma racionalidade consciente da não-identidade entre conceito e objeto, mas que nem por isso é inviável. Pelo contrário, a racionalidade mimética, como também pode ser chamada, é capaz de dar novo sentido ao pensamento filosófico, proporcionando grande potencial reflexivo. Como reflete Perrius, “Adorno traz para o interior dessa nova filosofia a consciência de seu limite: ‘O conhecimento não assimila até o fundo nenhum de seus objetos. Não deve elaborar o fantasma de uma totalidade’” (2008, p. 55).

Em suma, Adorno percebe uma posição estática em muitos sistemas filosóficos e a refuta veementemente. Para ele, a existência de um centro que orienta a discussão filosófica está completamente equivocado. Daí surge sua célebre afirmação “O todo é o não-verdadeiro” (ADORNO, 1992, p. 42). Como ele mesmo assinala, o pensamento tem que se distanciar da pretensão de sistema; ele funciona como uma enciclopédia: “Algo racionalmente organizado e, simultaneamente, descontínuo, assistemático, solto, expressa o espírito autocrítico da razão” (apud DUARTE, 1993, p. 163).

## Referências bibliográficas

ADORNO, Theodor W. *Actualidad de la filosofía*. Barcelona: Paidós, 1991

\_\_\_\_\_. *Dialectica negativa*. Trad. José Maria Ripalda. Madrid: Taurus, 1986.

\_\_\_\_\_. *Educação e emancipação*. Trad. Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Paz e Terra, 1995a.

\_\_\_\_\_. *Palavras e sinais: modelos críticos*. Trad. Maria Helena Ruschel. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1995b.

\_\_\_\_\_. *Mínima moralia*. Trad. Luiz Eduardo Bicca. São Paulo: Ática, 1992.

\_\_\_\_\_. *Teoria estética*. Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1990.

\_\_\_\_\_; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Trad. Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

FARINA, Maurício. *Adorno e a racionalidade estética*. 2006. mimeo. Texto apresentado em grupo de estudos na Universidade Regional Integrada (URI).

HORKHEIMER, Max. *Eclipse da razão*. Trad. Sebastião Uchoa Leite. 5. ed. São Paulo: Centauro, 2003.

JAY, Martin. *As idéias de Adorno*. Trad. Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Cultrix, 1988.

MAAR, Wolfgang Leo. Educação e maioria em Adorno. In: DALBOSCO, Cláudio; FLICKINGER, Hans-Georg (org.). *Educação e maioria: dimensões da racionalidade pedagógica*. Passo Fundo: UPF; Cortez, 2005. p. 349-362.

\_\_\_\_\_. *Materialismo e primado do objeto em Adorno*. Disponível em: <[www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-31732006000200011&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31732006000200011&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 10 out. 2008.

PERIUS, Oneide. *Esclarecimento e dialética negativa: sobre o além-do-conceito em Theodor Adorno*. Passo Fundo: IFIBE, 2008.

PUCCI, Bruno; OLIVEIRA, Newton Ramos de; ZUIN, Antônio Álvaro Soares. *Adorno: o poder educativo do pensamento crítico*. Petrópolis: Vozes, 1999.

ROUANET, Sergio Paulo. *As razões do iluminismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

WIGGERSHAUS, Rolf. *A Escola de Frankfurt: história, desenvolvimento teórico, significação política*. Rio de Janeiro: Difel, 2002.